

# FONOAUDIOLOGIA



## ATUAÇÃO DO FONOAUDIÓLOGO NOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTOJUVENIL EM SANTA CATARINA

*Amanda P. Ganz<sup>1</sup>, Julia B. Coelho<sup>1</sup>, Inajara C. Oliveira<sup>1\*</sup>.*

*<sup>1</sup>Curso de Fonoaudiologia, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil. \*ina@univali.br*

O objetivo do presente trabalho é a caracterização da atuação do fonoaudiólogo nos Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) do estado de Santa Catarina. Motivada pela escassez de estudos e discussões na temática, foi realizada uma busca onde identificou-se no de Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde a existência de 9 CAPSi em Santa Catarina e destes 2 contavam com fonoaudiólogos. A pesquisa foi realizada através de entrevista semiestruturada com 3 profissionais fonoaudiólogos atuantes em 2 CAPSi. A partir da análise das falas chegou-se às seguintes categorias: caracterização dos serviços; formação profissional; o processo de trabalho e fragilidade e potencialidades no processo de trabalho. Os resultados obtidos com relação à atuação dos fonoaudiólogos caracterizam-se por práticas clínicas colaborativas, multiprofissionais e interdisciplinares realizadas em grupo ou individuais, desenvolvendo uma prática clínica com características condizentes com a proposta da clínica ampliada. Com relação à formação os profissionais proferem que esta não forneceu subsídios para esta prática. Como fragilidade nesse processo, elenca-se a infraestrutura dos serviços. Com relação às queixas atendidas pelos profissionais remetem a alterações de linguagem e comunicação. Conclui-se se faz necessário maiores investimentos na formação do fonoaudiólogo, bem como em pesquisas, a fim de dar maior visibilidade a Fonoaudiologia na área da Saúde Mental.

**Palavras-chave:** Fonoaudiologia. Saúde Mental. Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil.

## VALIDAÇÃO DO CONTEÚDO DE UM PROTOCOLO DE AVALIAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA DA MOTRICIDADE OROFACIAL PARA BEBÊS DE 01 MÊS A DOIS ANOS DE IDADE

Ana C.K. Klitzke<sup>1</sup>, Síntia C. Chitz<sup>1</sup>, Mara K. Christmann<sup>2\*</sup>, Graziela Liebel<sup>1</sup>.

<sup>1</sup>Curso de Fonoaudiologia, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil. \*marac@univali.br

Validar o conteúdo de um instrumento fonoaudiológico de avaliação da motricidade orofacial para bebês na faixa etária de um mês a dois anos de idade. A elaboração do presente artigo ocorreu em três etapas: 1. Revisão integrativa de literatura, elaborada através da plataforma BVS. 2. Construção do instrumento “avaliação fonoaudiológica da motricidade orofacial de bebês de um mês a dois anos de idade”, a partir dos dados coletados na revisão integrativa. 3. Validação do conteúdo do instrumento, com a avaliação de quatro juízes com experiência na área de motricidade orofacial. Resultados: A busca inicial indicou 14.084 artigos. Após a leitura inicial dos títulos, e posteriormente resumo, foram selecionados somente 11 para leitura na íntegra. Destes, apenas 6 artigos foram selecionados para compor a amostra. Após a leitura e discussão dos artigos, criou-se o protocolo contendo 8 itens e uma breve anamnese, que são: Hábitos Oraís; Avaliação Estrutural; Respiração; Voz; Avaliação Funcional; Alimentação e Deglutição - Líquidos e alimentos em pedaços; e Diagnóstico Fonoaudiológico. A etapa seguinte contou com a análise da representatividade dos itens do protocolo pelos juízes, e após a segunda análise, a validação do conteúdo resultou na permanência de 8 itens com Índice de Validade de Conteúdo total de 100%. O conteúdo do protocolo foi considerado válido para uso na avaliação do público-alvo, comprovado por pessoas com experiência na área. A versão final do Protocolo de avaliação fonoaudiológica da motricidade orofacial de bebês de um mês a dois anos de idade foi finalizada com 8 itens de avaliação.

**Palavras-chave:** Sistema estomatognático. Lactente. Comportamento alimentar. Fonoaudiologia.

## RELAÇÃO ENTRE DIABETES MELLITUS E HIPERTENSÃO ARTERIAL SISTÊMICA EM IDOSOS COM PERDA AUDITIVA

Andrielly D. Corrêa<sup>1</sup>, Débora F. Pagnossin<sup>1\*</sup>.

<sup>1</sup>Curso de Fonoaudiologia, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil. \*dfrizzo@univali.br

Presbiacusia é o termo utilizado para representar a perda auditiva (PA) decorrente da idade, ao que podem se somar outros fatores como a diabetes mellitus e a hipertensão arterial sistêmica (HAS). O objetivo do trabalho foi relacionar a presença de diabetes mellitus e HAS com o grau, tipo e configuração audiométrica em idosos a partir dos 60 anos de idade atendidos em um Serviço Ambulatorial de Saúde Auditiva (SASA) no litoral norte catarinense. Trata-se de pesquisa observacional, transversal e quantitativa realizada com 205 sujeitos com 60 anos ou mais atendidos no SASA no período de setembro a outubro de 2020, os quais foram divididos em 2 grupos: com doença associada (diabetes e/ou HAS) – 118 sujeitos e sem doença associada – 87 sujeitos. A maioria dos sujeitos, independente da presença ou não de diabetes mellitus e/ou HAS apresentavam PA neurossensorial de grau moderando (68,8% à direita e 67,8% à esquerda) e configuração descendente (76,6% à direita e 75,6% à esquerda), sendo que houve diferença estatisticamente significativa quando comparado o tipo e grau da PA do grupo com doença associada e do sem doença associada ( $p < 0,05$  à direita e à esquerda), porém esta diferença não foi significativa para a configuração audiométrica. O grupo com doença associada apresentou um maior número de agravo da PA quando comparado ao grupo sem doença associada ( $p < 0,05$ ). A diabetes mellitus e a HAS estão relacionadas com a PA, sendo fatores de risco para o agravo dela em idosos, motivo pelo qual recomenda-se a realização de avaliações audiológicas periódicas, além da necessidade do controle clínico destas doenças.

**Palavras-chave:** Perda auditiva. Diabetes Mellitus. Hipertensão arterial sistêmica. Idoso.

## ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA NA REABILITAÇÃO MIOFUNCIONAL OROFACIAL DE LACTENTES PRÉ-TERMO DA REGIÃO SUL DO BRASIL

*Antonio E. da Silva<sup>1</sup>, Vitória S.N. Fernandes<sup>1</sup>, Andrielle de Bitencourt Pacheco Rubin<sup>1\*</sup>.*

*<sup>1</sup>Curso de Fonoaudiologia, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil. \*andrielle@univali.br*

A atuação fonoaudiológica na reabilitação miofuncional de lactentes pré-termo em unidades de terapia intensiva neonatais tem grande contribuição no restabelecimento de alterações do desenvolvimento do sistema sensório motor oral, apesar disso na literatura encontram-se poucas especificações sobre o trabalho miofuncional nessas unidades, sendo então necessário a ampliação da temática de estudo na área. O objetivo foi verificar a atuação fonoaudiológica na reabilitação do sistema sensório-motor oral de lactentes pré-termo da região sul do Brasil. Amostra foi constituída por 40 fonoaudiólogos de ambos os sexos que trabalham em UTIs neonatais da região sul, tais profissionais receberam um questionário online para coleta de informações sobre o perfil dos e idade gestacional dos lactantes, principais técnicas utilizadas na terapia, protocolos de avaliação, características da sucção, formas de alimentação durante a intervenção e perfil alimentar após a intervenção fonoaudiológica. Fonoaudiólogos relataram que recém-nascidos com idade gestacional entre 30 e 33 semanas eram predominantemente avaliados com o protocolo de prontidão do prematuro para início da alimentação por via oral, eram submetidos às técnicas de estimulação oromotora e sucção não nutritiva. E lactentes pré-termo com idade entre 05 e 60 dias apresentavam sucção ineficiente e durante a intervenção evoluem à dieta por via oral. Verificou-se, que os fonoaudiólogos atuantes na região sul do Brasil encontram-se preparados para avaliar, intervir e reabilitar o sistema sensório-motor oral dos lactentes pré-termo internados nas UTINS.

**Palavras-chave:** Fonoaudiologia. Reabilitação. Recém-Nascido Prematuro.

## DESEMPENHO AUDITIVO E DE LINGUAGEM DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Chayani M.F. da Silva<sup>1</sup>, Eduarda S. Souza<sup>1</sup>, Débora F. Pagnossin<sup>1\*</sup>.

<sup>1</sup>Curso de Fonoaudiologia, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil. \*dfrizzo@univali.br

A deficiência auditiva (DA) tem alta prevalência, sendo o diagnóstico precoce relevante para obtenção de resultados melhores no desenvolvimento de linguagem. O objetivo foi caracterizar o desempenho auditivo e de linguagem de crianças de 4 a 12 anos de idade com DA em relação ao uso do AASI. Amostra composta por 21 pais/responsáveis de crianças com DA que responderam a um questionário e permitiram a coleta de dados no prontuário da criança quanto ao uso do AASI. Verificou-se predomínio de participantes com perdas auditivas neurossensoriais bilaterais e comunicação predominantemente oral. A maioria das crianças utilizava o aparelho de amplificação sonora individual (AASI) por mais de 8 horas/dia. A maioria dos pais/responsáveis considera que a criança escuta a maior parte do que é falado a sua volta e está satisfeita tanto com o uso do AASI, quanto com o desenvolvimento de linguagem. Os pais/responsáveis apontaram como fatores que contribuem para o desenvolvimento auditivo o uso do AASI, a terapia fonoaudiológica e a identificação precoce, enquanto o que não contribuiu é o diagnóstico tardio. Observou-se predomínio de comunicação verbal parcialmente ininteligível associado a gestos com as mãos. Em relação aos testes de fala, a maioria dos participantes possuía testes de fala com e sem AASI, porém, apenas sete possuíam dados sobre o IRF, dos quais somente 2 apresentaram melhora nos resultados na comparação entre as avaliações realizadas. A maioria das crianças utiliza o AASI por 8 horas/dia ou mais, sendo que os pais/responsáveis se mostram satisfeitos com o desempenho auditivo e comunicativo, porém há poucos registros nos prontuários sobre o desempenho das crianças em testes de fala com o uso do AASI.

**Palavras-chave:** Auxiliares de audição. Perda auditiva. Linguagem infantil.

## FIGURAS DE LINGUAGEM NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM OLHAR PARA A BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA

Débora B.T. da Costa<sup>1</sup>, Denise Terçariol<sup>1\*</sup>.

<sup>1</sup>Curso de Fonoaudiologia, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil. \*deniseterçariol@univali.br

Estudos sobre autismo apontam variedade de alterações comportamentais e prejuízos na linguagem. Sujeitos com Transtorno do Espectro Autista, enfrentam dificuldades em compreender a subjetividade da linguagem; destacam-se: expressões faciais, idiossincrasias e figuras de linguagem. Analisar como a bibliografia brasileira aborda o uso de figuras de linguagem pelos indivíduos com Transtorno do Espectro Autista. Pesquisa bibliográfica qualitativa realizada em banco de dados buscando-se apenas artigos, monografias e outras publicações científicas, entre 2008 e 2018, originários da bibliografia brasileira. Foram identificados quinze trabalhos que resultaram na construção de quatro categorias: Caracterização da fonte documental consultada; Há dificuldades e limitações na linguagem figurada para pessoas que apresentam Transtorno do Espectro Autista?; O que as pessoas com Transtorno do Espectro Autista e/ou seus familiares dizem sobre a linguagem figurada?; É possível trabalhar linguagem figurada com pessoas que apresentam Transtorno do Espectro Autista? O uso das figuras de linguagem no autismo não é muito estudado e nem argumentado porque o sujeito acaba classificado como falante ou não falante e a sua dificuldade na função social da linguagem inibe a exploração das figuras de linguagem. Verificou-se na bibliografia brasileira baixo número de trabalhos que abordam a temática estudada. Em se tratando de estudos na Fonoaudiologia, apenas três trabalhos abordam figuras de linguagem. Essa constatação indica a necessidade de mais estudos sobre o tema, pois não há nada, cientificamente comprovado, que contrarie o uso das figuras de linguagem enquanto parte do acompanhamento terapêutico de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista. Estudos de linguagem. Metáfora. Revisão.

## CONHECIMENTO DOS PROFISSIONAIS DE PROGRAMAS DE RESIDÊNCIA NA ÁREA DA SAÚDE SOBRE AFASIA E AFÁSICOS

*Eduarda S. de Abreu<sup>1</sup>, Gabriela B. Dullius<sup>1</sup>, Denise Terçariol<sup>1\*</sup>.*

*<sup>1</sup>Curso de Fonoaudiologia, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil. \*denisetercariol@univali.br*

Objetivou-se caracterizar o conhecimento dos profissionais de programas de residências na área da saúde sobre afasia e os afásicos. Trata-se de estudo quantitativo com 31 residentes em saúde de uma universidade catarinense, que responderam questionário no *Google Forms*, com 21 perguntas. Os resultados foram apresentados em cinco tabelas descritivas, que caracterizam os respondentes bem como os seus conhecimentos sobre a afasia e suas consequências e a experiência deles com o afásico. Dos respondentes 22,5% são fonoaudiólogas e o tempo de formação de 74,2% é de 1 à 5 anos; 100% dos participantes já tinham ouvido o termo afasia; 83,3% compreendem que é um distúrbio da comunicação e 67,7% sabem qual é etiologia; 96,8% dos respondentes pressupõem que a afasia pode melhorar com a reabilitação; 67,7% já se comunicaram com um afásico; 41,9% tem casos de afasia no território que atuam; 48,3% relatam que o afásico recebe atendimento para melhorar a afasia; 54,8% sabem para onde encaminhar o afásico para reabilitação. Conclui-se que os residentes possuem conhecimento sobre a temática afasia e afásico, porém, grande parte dos respondentes não demonstraram ter conhecimento sobre a rede de cuidados acerca da afasia.

**Palavras-chave:** Afasia. Residência. Fonoaudiologia. Saúde Coletiva.



## PERCEPÇÃO DOS EFEITOS AUDITIVOS DECORRENTES DO USO PROLONGADO DE FONES DE OUVIDO

Franciele Milmersted<sup>1</sup>, Rafaela Melo<sup>1</sup>, Karla J. Zimmermann<sup>1\*</sup>.

<sup>1</sup>Curso de Fonoaudiologia, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil. \*karlaa@univali.br

A população jovem vem utilizando com mais frequência fones de ouvido para escutar música, trabalhar e estudar, este fato somado ao avanço tecnológico, contribui significativamente para o aumento do uso de fones de ouvido em volumes elevados e por longas horas diárias. Caracterizar a percepção dos efeitos auditivos provocados pelo uso de fones de ouvido em jovens adultos de uma universidade do litoral norte catarinense. Amostra composta por 120 acadêmicos de sete cursos da Escola de Ciências da Saúde (ECS) que responderam a um questionário online. Para análise dos dados foram utilizadas estatísticas descritivas e o teste  $\chi^2$  e de regressão logística binária para estimar a associação do zumbido ao uso de fone de ouvido, com nível de significância de 5%. Observou-se que 55% da população pesquisada nunca realizou avaliação auditiva; as situações em que mais sentem dificuldade para ouvir são: ambiente ruidoso (35,83%) e quando alguém fala de longe (28,33%). Observou-se que 87,5% da amostra utiliza fones de ouvido, 60,83% faz uso dos mesmos por mais de dois dias por semana e 52,6% utiliza por mais de uma hora diária. A maioria dos jovens universitários faz uso de fones de ouvido diariamente e em volume elevado, sendo o tipo de fone mais utilizado o auricular. As queixas auditivas associadas ao uso de fones de ouvido mais encontradas foram zumbido e plenitude auricular. Pôde-se observar ainda que há uma relação estatisticamente significativa entre o uso de fones de ouvido e a prevalência do zumbido. É relevante realizar ações de prevenção e promoção em saúde auditiva, visando a conscientização da população quanto aos possíveis malefícios do uso de fones de ouvido.

**Palavras-chave:** Audição. Auxiliares de audição. Adulto jovem.

## RELIGIOSIDADE E AUTO PERCEPÇÃO VOCAL DE PASTORES EVANGÉLICOS

Maiara A. Batisteli<sup>1</sup>, Marcelo J. Junior<sup>1</sup>, Inajara C. Oliveira<sup>1\*</sup>.

<sup>1</sup>Curso de Fonoaudiologia, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil. \*ina@univali.br

A voz é o principal instrumento de trabalho de pastores, com a qual realizam suas pregações, cultos, eventos, entre outros. O fonoaudiólogo neste contexto, é o profissional qualificado para auxiliá-los, alertando sobre o mau uso vocal e hábitos inadequados, atuando de maneira preventiva como também em reabilitação nos casos de patologias, e na promoção da saúde. Objetivou-se identificar a autopercepção vocal de pastores evangélicos e sua relação com a religiosidade. Trata-se de uma pesquisa de análise qualitativa e exploratória, composta por 17 pastores, sendo 12 (70,58%) pastores, e 5 (29,41%) pastoras, os quais foram submetidos a entrevista semiestruturada. A coleta de dados foi realizada por intermédio de chamada de vídeo, em que os áudios foram gravados e posteriormente transcritos para realização da análise do conteúdo. A partir da análise das respostas, obteve-se categorias de análise que permitiram evidenciar o reconhecimento dos sujeitos quanto a importância da voz para execução de suas atividades e funções. Identificou-se também que parte dos sujeitos não possuem hábitos de cuidado com a voz, seja por desconhecimento de quais estratégias utilizar, e ou por não desejar aplicar os conhecimentos que possuem acerca dos hábitos. Além disso, segundo a concepção dos sujeitos a manifestação do Espírito Santo exerce influência sobre suas vozes, alterando intensidade, tonalidade, e formas de expressão oral. A voz para os pastores, independente da função exercida no cargo ministerial é uma ferramenta de trabalho indispensável. Os pastores mostraram conhecimento sobre saúde e higiene vocal, por mais, que por vezes não realizem estas estratégias diariamente. Diante dos resultados, evidencia-se que os pastores podem ser considerados como uma população de elevado risco para alterações vocais devido a diversidade e intensidade do uso da voz nos diferentes ambientes e funções que desempenham. Por isso, a atuação fonoaudiológica se torna imprescindível nas questões de promoção da saúde, e prevenção de patologias vocais em pastores, sendo necessários também mais estudos e pesquisas sobre o tema.

**Palavras-chave:** Religiosidade. Auto percepção vocal. Pastores.

## PERFIL VOCAL DE CANTORES SOLISTAS EVANGÉLICOS AMADORES

Alana C.O. da Luz<sup>1</sup>, Mariana M.D. Mello<sup>1</sup>, Sinara S. Hutner<sup>1\*</sup>.

<sup>1</sup>Curso de Fonoaudiologia, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil. \*sinara@univali.br

É na voz humana que se encontra a fonte sonora mais natural e antiga com a qual se pode produzir música. Nas igrejas evangélicas a música faz parte das atividades, preparando toda a congregação para a contrição, leitura bíblica, Santa Ceia, sermão e encerramento, momentos do culto nos quais os cantores se apresentam, sendo estes formados por cantores amadores ou voluntários. Caracterizar o perfil vocal de cantores solistas evangélicos amadores de Itajaí-SC. Pesquisa de campo quantitativa, constituída por cantores solistas amadores da cidade de Itajaí-SC. A coleta de dados aconteceu de forma virtual, os participantes preencheram um questionário sobre informações específicas do canto e realizaram a produção do trecho de uma música à capela. Para análise perceptivo-auditiva utilizou-se o Protocolo de Avaliação da Voz Cantada adaptado de Andrada e Silva; Duprat (2010) e de Rojas et al. (2015). Os dados foram analisados por meio da estatística descritiva, as respostas agrupadas em números relativos e percentuais e analisadas conforme as variáveis pesquisadas. Pesquisa realizada com 32 cantores, sendo 18 homens e 14 mulheres, com idade entre 18 e 60 anos. A média do tempo de prática dos cantores é de 17,3 anos, 63% dos participantes referiu ter realizado aulas de canto e 59% afirma realizar aquecimento vocal. No que diz respeito a análise perceptivo-auditiva, foram obtidos resultados positivos em relação a qualidade vocal, coordenação pneumofonoarticulatória, *pitch*, *loudness*, ressonância, articulação, projeção, brilho e instabilidade. Houve prevalência do registro modal cabeça, modal misto e modal peito. Destaca-se que alguns aspectos necessitam de atenção, reforçando a necessidade de investimento no aprimoramento da qualidade vocal do grupo. Sugere-se neste contexto a assessoria de um profissional fonoaudiólogo que poderá realizar intervenções com vistas a melhoria do uso da voz no canto solo.

**Palavras-chave:** Fonoaudiologia. Voz. Canto.

## HABILIDADES COMUNICATIVAS EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN A PARTIR DA APLICAÇÃO DO PROC

*Louise A. Dambrós<sup>1</sup>; Denise Terçariol<sup>1\*</sup>.*

*<sup>1</sup>Curso de Fonoaudiologia, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil. \*deniseterçariol@univali.br*

Crianças com Síndrome de Down (SD) tendem a apresentar dificuldade no desenvolvimento da linguagem; vários são os aspectos que podem comprometer o curso do desenvolvimento, entre eles, anatômicos, cognitivos e auditivos. Esses fatores também contribuem para um atraso no comportamento verbal e não verbal, o que pode justificar dificuldades na linguagem. O objetivo deste trabalho foi caracterizar as habilidades comunicativas, de compreensão verbal e cognitivas em crianças com SD na faixa etária de dois a cinco anos, a partir da aplicação do Protocolo de Observação Comportamental (PROC). Trata-se de uma pesquisa de campo realizada em uma Associação do litoral Norte Catarinense, localizada em dois municípios. Foi aplicado o PROC em 9 crianças com Síndrome de Down que tem idade entre dois e CEP: 2 cinco anos. Os dados foram coletados individualmente por meio de registro audiovisual, a partir da interação entre a criança e autora, em duas sessões de 25 minutos com cada criança. Os resultados da análise dos materiais foram registrados no PROC. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva a partir de representações tabelares. A pesquisa permitiu caracterizar as habilidades dialógicas ou conversacionais, funções comunicativas, meios de comunicação, meios de contextualização da linguagem, compreensão verbal e diferentes aspectos do desenvolvimento cognitivo. Os resultados demonstraram que o melhor aspecto do desenvolvimento entre as crianças é o desenvolvimento da compreensão verbal. Entretanto, nas habilidades comunicativas utilizam-se de meios não verbais para se comunicar. Além do baixo desempenho no desenvolvimento cognitivo, o que é esperado para a população estudada.

**Palavras-chave:** Síndrome de Down. Linguagem. Cognição.

## SINAIS E SINTOMAS RELACIONADOS À DESCOBERTA DO CÂNCER DE CABEÇA E PESCOÇO

Rafaela D. Alves<sup>1</sup>, Deise Baixo Duarte Furtado<sup>1\*</sup>.

<sup>1</sup>Curso de Fonoaudiologia, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil. \*deiseduartefurtado@univali.br

Investigar os sinais e sintomas relacionados à descoberta do câncer de cabeça e pescoço, bem como, relacionar tais sinais e sintomas ao tempo de descoberta do câncer, relacionar hábitos ligados a fatores de risco com as localizações dos tumores e reconhecer os profissionais de saúde envolvidos no processo de diagnóstico do câncer. Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo transversal, realizado junto a 17 pacientes laringectomizados totais do Grupo de Acolhimento a Pacientes de câncer de cabeça e pescoço – GAL, que funciona no Centro de Pesquisas Oncológicas (CEPON) em Florianópolis, Santa Catarina. Os dados foram coletados por meio de um questionário estruturado, realizado na unidade referida, nas reuniões mensais do Grupo de Acolhimento a Pacientes de câncer de cabeça e pescoço – GAL. A maioria dos sujeitos deste estudo foram do gênero masculino e com idade entre 60 a 69 anos. A região mais acometida foi a laringe. Houve maior ocorrência da descoberta nos primeiros 12 meses após a percepção do primeiro sinal e/ou sintoma. O sinal mais apresentado foi a alteração vocal e os sintomas a disfagia e/ou odinofagia. Não houve relação entre o tempo de descoberta do câncer e o número de sinais e sintomas. Os hábitos relacionados a fatores de risco da doença mais expressivos foram o uso de tabaco e etilismo por tempo prolongado, e ainda, exposição ocupacional e dieta. O médico foi o profissional mais citado no processo de descoberta da doença e o fonoaudiólogo o profissional mais referido no encaminhamento a grupo de apoio.

**Palavras-chave:** Neoplasia de Cabeça e Pescoço. Fatores de risco. Sinais e Sintomas.